

O teatro da diáspora africana em questão

Eduardo de Assis Duarte*



Em sua *Crítica da razão negra* (2014), o filósofo camaronês Achille Mbembe demonstra em detalhes o quanto os sentidos outrora hegemônicos da palavra “negro” foram construídos, desde o século XV, pelo Ocidente interessado em fazer dos africanos não apenas mercadoria mas, sobretudo, força de trabalho submissa. E relata como o predomínio dos interesses do capitalismo mercantil em sua expansão ultramarina levou à convicção na infra-humanidade do negro, crença fundamentada em inúmeras narrativas – tanto triviais e lendárias, quanto filosóficas e, até mesmo “científicas” – que ganharam corpo em quase todo o planeta até se fixarem no senso comum. Esse “atributo de inferioridade” que, via de regra, divisava no negro africano e em seus descendentes figuras humanas apenas até certo ponto, pois destacava neles a submissão animalésca aos instintos, se impôs como verdade absoluta dos dois

lados do Atlântico, tanto nas metrópoles quanto nas colônias. E isto porque funcionou como justificativa e álibi para o lucrativo tráfico negroiro.

Mbembe assevera que a doxa inferiorizante só vem a ser efetivamente combatida a partir de começos do século XX, não só pela pesquisa antropológica, mas, em especial, pelos escritos dos próprios negros africanos e da diáspora. E nesse aspecto destaca a literatura, o teatro e a música, ao lado de discursos políticos mais contundentes.

De fato, não se pode negar a força renovadora de movimentos como a Renascença do Harlem estadunidense, o Negrismo cubano (e seus congêneres caribenhos) e a Negritude francófona ao constituírem, nas décadas de 1920 e 1930 o fenômeno que veio a constituir a chamada “Literatura negra ocidental”. Essa força vai além da página impressa e é renovadora não apenas por dar corpo ao primeiro movimento artístico internacional originário das Américas, mas principalmente por produzir textos poéticos, ficcionais, dramáticos e musicais que contestam a dita “razão negra” europeia, cujo DNA, hoje todos sabemos, é branco e racista.

Como não poderia deixar de ser, essa “onda afro” chega ao Brasil em 1944, com a fundação do Teatro Experimental do Negro – TEN, dirigido por Abdias Nascimento. E, ao chegar, se soma aos precursores que já batalhavam pelo espaço artístico e literário com produções oriundas de uma perspectiva interna ao sujeito negro como

forma de anunciar sua humanidade e, assim fazendo, denunciar as formas de pensamento que o enjaulavam nos estreitos limites oriundos da escravização. Ao substituir a *black face* pela até então inédita presença do ator negro no palco, o TEN cumpriu um papel seminal na propagação da literatura e do teatro negros no Brasil, sendo também responsável pelo aparecimento de profissionais da estatura de Ruth de Souza, Léa Garcia e Haroldo Costa, entre outros. Ao longo da segunda metade do século XX, vários grupos vão surgindo, movimento este que ganha impulso na contemporaneidade, com coletivos de autores e atores negros presentes em todas as regiões do país.

É nesse contexto que se situa o importante trabalho de Marcos Antônio Alexandre, *O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba*. Fruto de longo e minucioso trabalho de campo, que levou o pesquisador a visitar e estabelecer convívio com autores, encenadores e atores de diversos polos de produção nos dois países, o livro revela um vasto universo de criação dramática e teatral pautado pela afirmação do negro enquanto sujeito/autor do texto e da cena. Além de pesquisador e professor dos cursos de Letras e de Teatro da UFMG, Marcos Antônio Alexandre é também ator e diretor, com participação no grupo mineiro Mayombe desde a sua fundação, em 1996. É, portanto, alguém que vive o teatro intensamente e em todas as suas particularidades. Dentre suas inúmeras publicações, cumpre destacar os volumes *Por um reino, teoria e prática teatral* (2000, em parceria com Sara Rojo); *Gênero e representação em literaturas de línguas românicas* (2002, coautoria); *Antologia teatral da latinidade* (2007, também em parceria com S. Rojo e Maria Lúcia Barros); além da organização da coletânea crítica *Representações performáticas brasileiras* (2007). Nessa linha, sua pesquisa vem mapeando e estudando o trabalho dos principais grupos teatrais afro-brasileiros contemporâneos.

O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba articula de modo extremamente produtivo as instâncias da teoria e da prática, numa reflexão crítica de fôlego que não exclui a interlocução com importantes agentes desse movimento, presentes no livro através de entrevistas e depoimentos. E que se completa com a tradução da peça *María Antonia*, do afro-cubano Eugenio Hernández Espinosa, que também comparece com seu depoimento. Nessa linha, o livro se divide em quatro grandes blocos: no primeiro, vêm os aportes teóricos sobre o teatro negro, em que ganha relevo o conceito de “corpo pulsante”; no segundo, o leitor tem uma verdadeira aula, ricamente ilustrada, a respeito dos grupos teatrais negros em atividade em Minas, na Bahia e em Cuba; no terceiro, se insere a tradução do texto de *María Antonia*; e, por último, vêm as transcrições dos depoimentos e diálogos do pesquisador com dramaturgos, atores e encenadores dos dois países.

De início, tem o leitor acesso à polêmica envolvendo o conceito. Para Marcos Alexandre, o teatro negro compõe-se de “*textos dramáticos e/ou espetaculares em que os negros, a sua cultura e a sua visão ideológica do (e para o) mundo aparecem como temática central e como agentes*”. (p. 28-29, grifos do autor). Alinhado à perspectiva dos Estudos Culturais, Marcos Alexandre questiona a falsa abrangência do adjetivo “brasileiro”, para ele responsável por “um discurso muito distante de nossa diversidade cultural e étnica”, destaca o fato do Brasil ter “a maior população negra fora da África e a segunda maior do mundo”. (p. 29). E acrescenta:

O teatro negro não só retrata as especificidades dos sujeitos negros e sua integração na sociedade, mas também se retroalimenta dos elementos que compõem e integram a cultura dos afrodescendentes em suas distintas

manifestações artístico-performáticas: danças, músicas, jogos, linguagem, mitos, religião e ritos, pois o teatro negro é ritualístico. (p. 34 grifos do autor).

O tom polêmico prossegue, com o autor se posicionando por um teatro negro engajado: “este engajamento deve ser manifestado em distintos níveis, assumindo características que vão desde uma arte que seja (por que não?) *panfletária* até uma estética que assume vieses que dialogam com outras nuances”. (p. 35-36). Arrola então questões inerentes aos afetos e à subjetividade em paralelo à postura explicitamente política.

Ainda na primeira parte, Alexandre introduz o conceito de “corpo pulsante”, que vê o corpo negro como um signo pleno de sentidos, a remeter a todo instante à memória ancestral e ao vasto repertório cultural que interliga o trabalho performativo com o rito e a ação espetacular.

No segundo bloco, o livro percorre a atuação dos grupos de teatro negro em Belo Horizonte, Salvador e Cuba para ressaltar suas especificidades e confluências. E apresenta ao leitor um conjunto significativo de mulheres e homens negros, em sua maioria jovens e de meia idade, envolvidos na criação dramática e na encenação de suas angústias, inquietações e reivindicações, mas igualmente de alegrias, encontros e realizações, tudo isto numa performance atenta ao poder da forma de expressão como ponte para cativar atenções, corações e mentes das plateias. Surgem então artistas e grupos sobre os quais, via de regra, se tem pouco ou nenhum conhecimento, em função de suas ausências na grande mídia: Teatro Negro e Atitude, Tambor Mineiro, Cia. Burlantis, Tambolelé, Aruê das Gerais, Arautos do Gueto, Trovão das Minas, entre outros.

O trabalho de Marcos Alexandre não só descreve as atividades de cada um, como procura situá-los historicamente, além de dar a palavra a alguns de seus líderes no quarto bloco do livro. Além disso, analisa montagens específicas para ilustrar com exemplos concretos sua postura, não só descritiva, mas, acima de tudo, reflexiva. Detém-se então em espetáculos como *O Negro, a Flor e o Rosário*, assim como *Galanga Chico Rei, Madame Satã, Memórias de Bitita, NEGR.A* e *O Grito do Outro – o grito meu!*, todos encenados em Belo Horizonte, com a participação de elencos locais, mas também de profissionais reconhecidos nacionalmente, como o diretor João das Neves.

De Minas Gerais a pesquisa desembarca na Bahia para focalizar tanto o Bando de Teatro Olodum, com direito a um alentado depoimento do diretor, Márcio Meirelles, na parte final do livro, como também iniciativas vitoriosas como o NATA – Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas, dirigido pela atriz, dramaturga e encenadora Fernanda Júlia, com um depoimento em que discute sua trajetória pessoal e do grupo. O estudo de Marcos Alexandre detém-se então em espetáculos encenados pelo NATA, como *Shirê Obá, a festa do Rei* e *Exu, a boca do Universo*, em que destaca o diálogo da peça com a tradição mítica e religiosa presente na cultura afro-baiana. Adentra, em seguida, no rico acervo de realizações do Bando de Teatro Olodum, tais como *Zumbi, Cabaré da Rrrraça*, e *Bença*, pautado pela mesma orientação pedagógica e reflexiva de aliar a proposta de cada coletivo à leitura crítica de suas realizações no palco. E tudo isto chega ao leitor também pelas imagens escolhidas a dedo e inseridas com extremo apuro estético a fim de ilustrar cenas cruciais dos espetáculos analisados pelo crítico, para deleite e aprendizado dos leitores.

O segundo bloco se encerra com o universo do teatro afro-cubano, trazendo ao leitor brasileiro um formidável conjunto de informações, sem deixar de lado as polêmicas que vigoram em ambos os países a respeito da questão identitária e do embate

entre nacionalidade e etnicidade. Percorre então trabalhos como o de Fátima Patterson, fundadora do “Cabildo Teatral Santiago”; Gerardo Fullea Leon, diretor e autor premiado de peças de sucesso no país, como *Azogue*, *Chago de Guisa* e *Ruandí*, entre outras; e Eugenio Hernández Espinosa, também premiado e reconhecido autor dos mais relevantes, por suas peças, entre elas, *Quiquiribú Mandinga*, *Odebí*, *el cazador* e *María Antonia*, drama de forte componente trágico, a articular crítica social e de gênero com o repertório mítico-religioso oriundo da cultura negra diaspórica.

Na terceira parte do livro, *María Antonia* surge traduzida na íntegra para o português, cumprindo o projeto autoral de instigar a reflexão do leitor pelo confronto das posições teóricas e lugares de fala de cada um dos autores estudados com suas construções textuais e espetaculares. Para quem sofre, como nós brasileiros, o persistente “bloqueio” midiático a encobrir com uma verdadeira cortina de silêncio a produção cultural da ilha, o livro funciona como precioso alento e se transforma em fonte imprescindível não apenas para a pesquisa acadêmica, mas, em especial, para que tomemos conhecimento de universos tão próximos e tão distantes, explicitados pela cena teatral dos dois países.

O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba surpreende, pois, pelas inúmeras convergências reveladoras do quanto há de pontos de contato na dramaturgia da diáspora negra nas Américas, instada a responder no palco às situações de exclusão e subalternidade oriundas do processo escravagista, até hoje vivas e atuantes no cotidiano de milhões de afrodescendentes. Por outro lado, revela também as particularidades específicas de cada contexto, a compor um conjunto amplo e diversificado, que inscreve a diferença a partir de dramas sociais e políticos distintos, embora convivendo com heranças e arquivos culturais comuns. Em suas 426 páginas, o livro de Marcos Antônio Alexandre se afirma como referência aos estudiosos da questão não apenas pelo ineditismo, amplitude e originalidade da pesquisa mas, em especial, por recobrir todas essas lições com o empenho político e ético de trazer para o debate vozes até então pouco consideradas.

Belo Horizonte
20 de Março de 2017

Referências

ALEXANDRE, Marcos Antônio. *O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

* Eduardo de Assis Duarte é professor da Faculdade de Letras da UFMG. Autor de *Literatura, política, identidades* (2005) e de *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*, (1996). Organizou, entre outros, *Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo*. (2007), a coleção *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011, 4 vol.) e os volumes didáticos *Literatura afro-brasileira, 100 autores do século XVIII ao XXI* e *Literatura afro-brasileira, abordagens na sala de aula* (2014). Coordena o Comitê Gestor do **literafro** – Portal da Literatura Afro-brasileira, disponível no endereço www.lettras.ufmg.br/literafro.